

DISCURSO DE POSSE

José Augusto Bezerra

Excelentíssimas e Ilustríssimas autoridades,
Senhoras e senhores:

No século IV a.C. os gregos chamaram de Academia ao local onde Platão e seus discípulos costumavam caminhar, por sob frondosas árvores, em diálogos filosóficos que buscavam as verdades da existência. Havia ali também uma casa e uma biblioteca. O local foi assim denominado porque aquele jardim havia pertencido a Academus, herói grego na guerra contra Tróia, no século XII a.C.

Essa tradição perpetuou-se no tempo e no espaço. Em todo o mundo e com o mesmo nome inicial, cada Academia tem sido uma recriação espiritual daquele longínquo momento em que alguns se reuniram, por entre um jardim, que os inspirava, uma casa que os abrigava e uma biblioteca que os orientava.

Saúdo os componentes da mesa diretora desta solenidade na figura do poeta que a preside, Pedro Henrique Saraiva Leão. Representa ele o Jardim de Academus, toque lírico daquele ambiente primeiro. E para completar, já que a mulher é o ornamento da poesia, colocamos, também, simbolicamente, nesta mesa, a primeira-dama deste sodalício, Mana Accioly e Saraiva Leão, em nome de quem reverencio todas as personalidades femininas aqui presentes.

A casa existente no Jardim de Academus, ponto de união entre os antigos estudiosos, é evocada por este nosso belo espaço arquitetônico, cuja missão está no próprio nome, Palácio da Luz. Os membros da Academia Cearense de Letras, que o habitam, são seguidores modernos de Platão. Saudamos tais confrades, que me elegeram e generosamente me acolhem, na pessoa do Presidente de Honra desta Casa, Príncipe dos Poetas Cearenses, mestre de todos nós e que lançou meu nome como candidato na ACL, Artur Eduardo Benevides.

Finalmente, a biblioteca. Sinto-me à vontade para falar sobre elas, pois desde criança, quando jamais havia lido uma palavra sobre a Academia de Platão, já trazia a imagem de uma biblioteca nos meus sonhos. Esta visão acompanhou-me pela vida afora e com ela adentro os umbrais da Academia Cearense de Letras. Aliás, por uma grande coincidência ou um sinal da providência, fui eleito para esta Academia, em 30 de setembro, que é o dia de S. Jerônimo, patrono de todos os bibliófilos.

No começo os livros eram orais e a humanidade era uma grande biblioteca feita de pessoas. Com o aumento das populações e a impossibilidade de comunicação entre todos, surgiram os livros. Através deles continuamos a contar nossas histórias para muitos e a perpetuar nossas idéias. Eu próprio, se tivesse que registrar como aqui cheguei deveria fazer um livro. Falaria da minha esposa, dos meus pais, irmão, filhos, netos, familiares e amigos. Descreveria seringais da Amazônia e lutas na segunda guerra mundial. Moças roubadas para casar e mortes por códigos de honra. Sonhos realizados e outros destruídos. Sol abrasador, estradas poeirentas, recomeço na cidade grande, livros que hipnotizavam e batalhas sem tréguas.

Então, em nome dos livros e das bibliotecas, que unem pessoas, saúdo vocês, familiares e amigos. Apesar da modernidade, vejo-os como livros orais, que irei consultar, vez por outra, para entender e valorizar a vida.

O discurso de posse de um acadêmico inclui a rememoração do patrono da cadeira que irá ocupar e a reverência ao último acadêmico que nela esteve. O primeiro discurso de um membro que sucedeu a outro nesta Arcádia, foi pronunciado por José Rodrigues de Carvalho, ao ocupar o lugar de José Carlos Júnior, em 1897. Na solenidade de hoje referente à posse na cadeira nº 12, cujo patrono é Heráclito Graça e derradeiro ocupante o jornalista J.C. de Alencar Araripe, estamos dando continuidade a esse centenário ritual.

Então, como centésimo octogésimo primeiro membro que vem participar da vida desta Academia, quero relevar a figura monumental do filólogo, linguísta, magistrado, advogado, jornalista, político e professor Heráclito Graça, patrono da mencionada cadeira. Este homem,

que para muitos conterrâneos é apenas um nome de rua, foi um gigante. Bacharelou-se em direito na cidade de Recife, foi Deputado pelo Maranhão e posteriormente Presidente da Província da Paraíba. Tornou-se ainda Presidente da Província do Ceará e, depois, na Assembleia Geral, consagrou-se como um orador vigoroso, salientando-se nos debates sobre a Reforma Judiciária, o Recrutamento e a Reforma Eleitoral de 1875.

Entre tantas responsabilidades, incluindo a de Consultor Jurídico do Ministério das Relações Exteriores, ainda teve tempo para estudar as minúcias e sutilezas do nosso idioma. Protagonizou célebre debate com o mestre lusitano Cândido de Figueiredo, do qual saiu vencedor e de onde surgiu o seu livro *Fatos da Linguagem*, publicado em 1904. Em 1906 foi eleito para a cadeira número 30, da Academia Brasileira de Letras, tendo sido também sócio correspondente do Instituto do Ceará.

Para que se tenha idéia da cultura de Heráclito Graça, basta sabermos que, conforme disse seu sucessor na Academia Brasileira de Letras, Antônio Austregésilo, leu vocábulo por vocábulo do *Elucidário da Língua Portuguesa*, do Frei Joaquim de Santa Rosa de Viterbo, maior trabalho já feito sobre as palavras antigas do nosso idioma. O *Elucidário* possui 6143 vocábulos e Heráclito Graça acrescentou 7457. Ou seja, ao final, chegara aos 14.600 vocábulos, mais que o dobro do original. Infelizmente, um acidente, decorrente da descoloração da tinta das anotações, não permitiu a publicação desse tesouro, para desespero dos editores e da família.

A imagem de Heráclito Graça era tão impressionante, que Mário de Alencar, filho de José de Alencar, membro da Academia Brasileira de Letras, autor de dicionário e um grande conhecedor da cultura clássica, em discurso na ABL, afirmou que Heráclito Graça era mais um gramático que um filólogo e que ninguém, talvez, tenha conhecido mais a língua portuguesa do que ele.

Este, portanto, senhoras e senhores, é o perfil do imortal que espiritualmente estará ao meu lado, como Patrono do assento nº 12, dando-me a sua luz e sendo-me referência.

A cadeira nº 12, foi ocupada primeiramente por Ferreira dos Santos, depois por Natanael Cortez, sogro do nosso ex-Presidente Eduardo Campos, e, finalmente, pelo inesquecível J. C. de Alencar Araripe, a quem tenho a honra de substituir.

José Caminha de Alencar Araripe era descendente direto de Bárbara de Alencar, heroína cearense. Seu trisavô, Tristão Gonçalves de Alencar Araripe, Presidente da Revolução do Equador, que morreu arcabuzado, era irmão de José Martiniano de Alencar, pai de José de Alencar, o criador do romance nacional.

Descendendo de heróis pelas armas e de imortais pelas letras, consubstanciou a coragem dos primeiros e a luminosidade dos segundos, no que veio a ser uma personalidade admirada por todos.

Nascido em Jardim, em 1921, adentrou ao jornalismo, construindo fulgurante carreira, tendo recebido inúmeros prêmios a nível local e nacional, sendo considerado por muitos, segundo Rubens de Azevedo, como o maior editorialista da sua geração. Foi também Presidente da ACI - Associação Cearense de Imprensa, por doze anos. Eleito vereador, tornou-se líder da União Democrática Nacional, na Câmara de Fortaleza, tendo sido Prefeito interino da cidade em 1952.

Recebeu o título de Professor Emérito da Universidade Federal do Ceará, tornou-se membro da Academia Cearense de Letras e do Instituto do Ceará – Histórico, Geográfico e Antropológico, as duas entidades centenárias da nossa terra. Recebeu o título de colaborador da Cultura Portuguesa, pela Academia Antero de Quental, a medalha Thomaz Pompeu, da ACL, a medalha do Centenário do Instituto do Ceará, a Medalha do Mérito Pestalozzi, do Instituto Pestalozzi do Ceará e a Medalha Justiniano de Serpa, do Governo Cearense.

Podemos destacar os seguintes livros dentre a sua bibliografia: A glória de um Pioneiro (A vida de Delmiro Gouveia); A Faculdade de Medicina e sua Ação Renovadora; Nordeste, Pão e Água; Do Sonho de Brasília à Realidade do Nordeste; Gente da Gente; Do Amazonas ao Rio da Minha Aldeia; Luzes no Túnel da Memória e Bárbara e a Saga da Heroína. Nesta solenidade, saudamos J.C de Alencar Araripe Junior e Noeme Alencar Araripe Cordeiro, em nome de todos os familiares aqui presentes.

Este é o homem que por último dignificou a Cadeira nº 12, e a quem quero prometer, in memoriam, que farei o melhor possível para dar continuidade à sua marcante passagem por entre os quarenta desta Casa de Thomaz Pompeu.

Ao encerrar esta parte formal, quero lembrar que a nossa academia em uma coisa é superior à de Platão, pois aquela primeira não tinha mulheres e sinto-me honrado ao ser recebido nesta casa pela voz de uma acadêmica. É como se por alguns instantes este Palácio da Luz fosse iluminado pelas luzes de Paris, e estivéssemos ouvindo a canção da menina, dois títulos dos livros de Ângela Gutierrez.

Num ano em que se comemora o centenário de nascimento de Rachel de Queiroz e em que uma mulher é eleita pela primeira vez para a Presidência do Brasil, as palavras de boas-vindas, ditas por uma bisneta de Thomaz Pompeu, primeiro presidente desta entidade, mostram uma Academia sintonizada com as mudanças do mundo e nos dizem que os sonhos dos fundadores continuam vivos, em outros corações.

Estimada Doutora Ângela Gutierrez, o seu nome e o dos seus representam uma história de lutas e conquistas. Agradeço suas palavras generosas e amigas. Procurarei não desmerecê-las e as guardarei como parte de tantas coisas boas que Deus me ofereceu neste ano inesquecível.

Senhoras e Senhores, devo meu amor a leitura à professora primária Célia da Costa Lopes Reis, em Recife. Dela recebi os primeiros livros, como prêmios ganhos em concursos escolares, comprados com o seu salário. Dentre eles O Pequeno Príncipe, Os Irmão Corsos e David Cooperfield. Na sua imagem, deixo registrado nos anais desta Academia, um preito de gratidão, a ela e a todas as professoras, que anonimamente, procuram incutir, nos corações infantis, o gosto pela leitura.

Se da minha professora veio o incentivo à leitura, da minha mãe, Maria Joviana Bezerra, chegou-me a paixão pelos livros. Hoje, quando o mal de Alzheimer apagou para ela as lâmpadas que iluminavam as suas lembranças, quero registrar que a minha biblioteca, em parte, é fruto daquelas conversas que tanto me impressionavam.

Imagino, nesta oportunidade, que me tornei membro desta família acadêmica por três aspectos da minha personalidade: o de bibliófilo, o de escritor e o de parceiro da cultura. Referente ao primeiro lembro-me o amigo José Mindlin, maior bibliófilo do Brasil. No seu discurso de posse na Academia Brasileira de Letras, disse que a motivação básica do bibliófilo é o amor a leitura. “Os livros não caem do céu”, esclareceu, e para se adquirir bons livros, faz-se necessário conhecer o autor, a história da obra desejada, o conteúdo e cada detalhe a ela inerente.

Tanto ele como eu seguimos caminhos parecidos. No começo comprávamos tudo o que achávamos interessante e, com os anos, fomos tornando seletivos e definimos um roteiro. Comecei na literatura universal, com os gregos. Esse povo e sua cultura, através de Sófocles, Píndaro, Ésquilo, Sócrates, Platão, Aristóteles e muitos outros, plantaram a semente da literatura ocidental. Depois, com os Romanos, por entre Virgílio, Horácio, Terêncio, Cícero e semelhantes, que abriram outras vertentes na literatura clássica. Os muçulmanos, pela poesia, pelo conto, pela fábula, pelos provérbios e pela religião, nos deram, além do *Alcorão*, obras como *As Mil e Uma Noites*, *Aladim e a Lâmpada Maravilhosa* e *Alí Babá e os quarenta ladrões*.

Procuramos conhecer e adquirimos outras obras da literatura universal. Destacamos algumas, começando pelos russos, com Leon Tolstói e Fiodor Dostoiévski; Os Alemães, com Goethe, Nietzsche e Stefan Zweig; Os italianos, com Boccaccio e Dante Alighieri. Os Ingleses, com Milton, Aldous Huxley e Oscar Wilde; a literatura francesa, por entre Proust, Alexandre Dumas, Victor Hugo, Flaubert e Baudelaire; Nos Estados Unidos, Melville, Emerson e Hemingway; Os espanhóis, com Cervantes, Calderón de La Barca e Garcia Lorca; Os portugueses, por Gil Vicente, Camões, Eça de Queiroz, Camilo Castelo Branco e Fernando Pessoa. Esta é uma visão simplificada, pois em todos os países existem expoentes, tais como Jorge Luís Borges, na Argentina, Gabriel Garcia Marquez, na Colombia e Mario Vargas Llosa, no Peru. Mesmo um pequeno povo, como o israelense, pode gerar uma obra fundamental, como a Bíblia, primeiro livro impresso.

Na literatura brasileira, dentre as mil e seiscentas primeiras edições de importantes autores do nosso acervo, citarei algumas que todos deveriam ler, tais como: *Iracema*, de José de Alencar; *D. Casmurro*, de Machado de Assis; *Os Sertões*, de Euclides da Cunha; *O Ateneu*, de Raul Pompéia; *A Retirada da Laguna*, de Visconde de Taunay ; *São Bernardo*, de Graciliano Ramos; *Sagarana*, de Guimarães Rosa; *Triste Fim de Policarpo Quaresma*, de Lima Barreto; *O Romance da Pedra do Reino*, de Ariano Suassuna; *O Caçador de Esmeraldas*, de Olavo Bilac; *Sentimento do Mundo*, de Carlos Drummond de Andrade; *Tenda dos Milagres*, de Jorge Amado; *Eu*, de Augusto dos Anjos; *Macunaíma*, de Mário de Andrade; *Fogo Morto*, de José Lins do Rego; *Cobra Norato*, de Raul Bopp; *O Romancista da Inconfidência*, de Cecília Meirelles e *Memorial de Maria Moura*, de Rachel de Queiroz, entre outros, inclusive vários cearenses.

Cada uma das doze áreas em que se divide a minha biblioteca possui centenas de raridades, mas por uma predileção pessoal, destaco a secção de manuscritos, com preciosidades da época dos descobridores do Brasil, de Tiradentes, de Deodoro da Fonseca, da Marquês de Santos, de D. Pedro II, quando criança, do convite de Santos Dumont a George Eiffel etc.

Comumente me perguntam se já li todos aqueles livros do nosso acervo, e explico: uns eu já li, outros são para consultas, como os dicionários, catálogos e enciclopédias, muitos são para pesquisas, minhas e de terceiros; vários vou ler no futuro e, finalmente, grande número fazem parte da ilusão de que um dia poderei lê-los. O mais interessante, entretanto, talvez seja o poder invisível que aquele ambiente nos provoca, como Mark Twain, certa vez escreveu: "Em uma boa biblioteca, sente-se, de alguma forma misteriosa, que se está absorvendo, através da pele, a sabedoria contida em todos aqueles livros, mesmo sem abri-los".

Estas são as credenciais que apresento, já que os tópicos sobre livros escritos e participações culturais foram elevadamente descritos pela congreira Ângela Gutierrez. Ao fazer as considerações finais, embora já

nominados pelo protocolo, gostaríamos de reiterar os agradecimentos aos que vieram de outros países e de outros estados, as autoridades públicas da nossa terra, aos empresários, aos cônsules, aos membros do Rotary, da maçonaria, dos bibliófilos, da Sociedade Amigas do Livro, das várias Academias e do Insitituto do Ceará, entre outros.

Saúdo os dois outros novos acadêmicos eleitos para esta casa, os estimados José Telles da Silva e Ednilo Gomes de Soárez, admiráveis personalidades humanas, plenamente comprometidas com a nossa cultura. Em virtude do número de pessoas e do tempo protocolar, peço desculpas aos que não foram citados, mas afirmo que sem um só de vocês, esta festa não estaria completa.

Deixo especialmente o meu penhor de gratidão a todos os acadêmicos da Academia Cearense de Letras, na expectativa de que eu tenha vindo para somar, hoje e sempre. Cada um destes confrades é um sábio em determinado campo e nenhum chegou aqui por acaso. Lamento não haver tempo para ressaltar tais virtudes individualmente, mas guardarei com carinho a imagem de todos, particularmente a dos que me incentivaram na jornada que culminou com a minha eleição.

É oportuno relevar os dedicados funcionários da casa, pelo suporte que ofereceram para o bom êxito desta solenidade: Madalena Figueiredo, bibliotecária, Cláudia Queiroz, secretária e demais colaboradores, todos sob o comando da incansável Diretora Administrativa Regina Pamplona Fiúza, bisneta de um dos fundadores desta Academia. Receba esta equipe o meu reconhecimento e a minha gratidão.

Por tudo que tenho vivido, entretanto, posso entender que se à minha professora devo o interesse pela leitura, à minha mãe o amor pelo livro, aos amigos, a sombra agradável da beira da estrada e aos acadêmicos, a eleição, devo à minha família a consciência de felicidade. À família, portanto, dedico este instante de glória na figura da minha esposa Bernadete, pois com ela aprendi a valorizar mais as pessoas do que as coisas e a entender que o objetivo maior é simplesmente vivermos, de modo pleno, cada momento da nossa existência.

Ao concluir, registro que não me vejo em um local de chegada, mas apenas em um novo ponto de partida, pois ainda desejo enfrentar desafios e seguir o meu chamado de vida, não importa qual seja ele. Tenho a esperança, também, de que a Academia Cearense de Letras me leve a novas aventuras de criação, pois o nosso futuro e o da própria humanidade, nos mais variados campos, dependem, dramaticamente, de idéias novas e de sonhos diferentes.